



INÊS SEQUEIRA

“SÓ QUERER UNICÓRNIOS É REDUTOR. AS MÉTRICAS DEVIAM SER OUTRAS”

A diretora da Casa do Impacto não compra a ideia do sucesso pela avaliação nos mil milhões de dólares. Defende que é mais importante uma empresa acrescentar valor à sociedade. E acredita que os investidores, em breve, também estarão a olhar nessa direção. **Marta Velho**

I naugurada em outubro de 2018 pela mão da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, a Casa do Impacto assume-se com um hub que centraliza num só lugar todos os meios e protagonistas que trabalham em ideias com potencial para salvar o mundo.

Quando o espaço completou três anos, orgulhava-se de já ter ajudado 200 empreendedores e 48 start-ups e ainda de ter investido dois milhões de euros em projetos de sustentabilidade social ou ambiental e viáveis economicamente.

Para o futuro, a diretora, Inês Sequeira, quer que exista uma rede de impacto espalhada pelo país e levar lá para fora as soluções que estão a ser criadas cá dentro.

Havia a necessidade de um “player” como a Casa do Impacto no ecossistema empreendedor nacional? Era um buraco que tínhamos?

Acho que sim. No futuro, quando o ecossistema já estiver mais maduro, não vai haver diferença entre o empreendedorismo tradicional e o empreendedorismo de impacto. Mas quando a Casa do Impacto surgiu, havia uma grande distância a separar os dois. A abordagem aqui não é igual à das empresas só ligadas à tecnologia. Não é o lucro pelo lucro. Não é chegar a mil milhões de dólares. Na altura,

havia alguns empreendedores de impacto, alguns projetos que eram muito interessantes, alguns “players” que apoiavam isto, mas era um mundo pequeno e, acima de tudo, pouco organizado. O grande objetivo da Casa do Impacto foi agregar e potenciar o próprio ecossistema, chamando os “players” todos para o mesmo espaço. Com todos juntos, foi mais fácil perceber o que é que faltava a uns e a outros e preencher esses espaços.

E o que é que faltava?

Acho que faltava uma coisa que falta muito em Portugal: capacitação. E não estamos só a falar de capacitação dos empreendedores. Quem apoia este ecossistema, quem fomenta e quem cria muitas vezes também precisa de ser capacitado. É tudo novo para toda a gente. Quem hoje quer ser um investidor nesta área tem muito para aprender. No fundo, todos nós estamos ainda a aprender, a própria Casa do Impacto também. Por isso é que todos os nossos programas vão sendo moldados à medida que vamos tendo mais edições e vamos percebendo que há sempre coisas para aperfeiçoar. Mas eu diria que acima de tudo faltava criar uma rede e um ambiente mais seguro para quem quer realmente empreender numa área que é tão complexa, como esta em que se tentam resolver problemas sociais e ambientais, de uma complexidade brutal. É preciso criar instrumen-



Luis Manuel Neves





tos e apoio para que estas pessoas criem estas soluções de uma forma completamente estabilizada.

Ainda há preconceito face aos empreendedores de impacto, com a ideia de que uma start-up de impacto é uma start-up sem fins lucrativos?

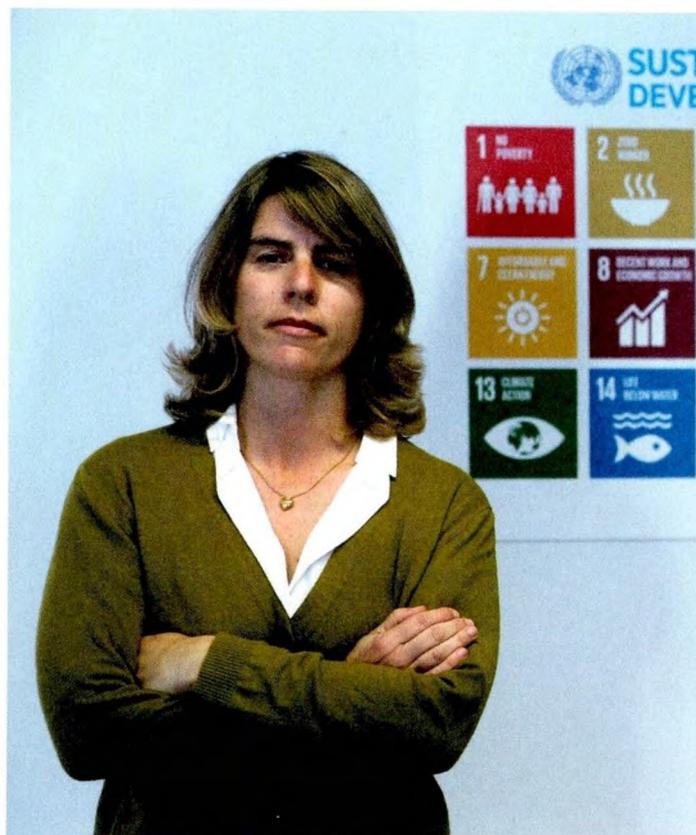
Claro que existe. Começa a mudar, mas claro que existe. Nós todos temos preconceitos acerca de inúmeras coisas. Quando as sociedades começam a atingir graus de evolução maiores, isto começa a fazer cada vez mais sentido. Trabalho em empreendedorismo há doze anos e estive na equipa que estava na Câmara de Lisboa e criou a Startup Lisboa e as primeiras incubadoras na cidade. E o que sinto é que agora estamos num estágio que é mais avançado. Já não estamos a falar só de empregabilidade ou de tecnologia, mas de uma abordagem em que a sustentabilidade é vista nas suas três vertentes: económica, social e ambiental. Já não podemos falar de sustentabilidade económica por si só. Qualquer empresa, start-up ou organização, seja ela qual for, tem de ser viável nos três eixos. E isto é o futuro. Cada vez mais isto tem a ver com o estágio de evolução das sociedades e dos mercados.

Vocês acabaram por ser muito pioneiros no apoio ao empreendedorismo de impacto. Mas já começam a existir pelo país vários outros organismos a fazer um trabalho semelhante.

Acho que sim. Virado só e em exclusividade para este tipo de empresas, como nós, acho que ainda não. Existirá uma coisa ou outra, pequenas. Faria sentido haver mais projetos como a Casa do Impacto em várias regiões do país. Porque é esse o caminho. Apesar de, quando falamos em incubadoras de empresas, por si só, estarmos a falar em realidades muito mais simples do que aquilo que é uma Casa do Impacto. Aqui estamos a desenvolver um novo paradigma, uma nova forma de olhar para o mercado e para a organização de uma sociedade. Vai mais além do que criar empresas ou ajudar a desenvolver empresas. Temos grandes empresas que nos vêm bater à porta e querem perceber como é que podem apoiar isto. Mas também vêm à procura de perceber como é que adaptam o seu modelo de negócio a esta nova realidade. Porque os consumidores estão cada vez mais atentos a isto e são eles a ditar aquilo que querem. E se as marcas não se adaptarem, vão acabar por morrer.

Falando das grandes marcas, também tem sido muito falado o "greenwashing", de haver empresas a tentar apanhar o comboio da sustentabilidade, até por saber dessa preocupação dos consumidores, mas sem o serem realmente, como a "fast fashion". Estão atentos a essa realidade?

A sociedade está a passar por um momento de transição. Quando estamos a mudar paradigmas, é natural que haja várias velocidades. Há marcas que já fazem isto há anos e outras que só agora estão a começar. É normal que haja espaço para esse "greenwashing". Faz parte. E aqui também percebemos isso, às vezes. Acho que faz parte. À medida que este paradigma for evoluindo, os próprios consumidores estão mais atentos a determinadas coisas, percebe-se o que é coerente e o que é que não é. O grande esforço das marcas vai passar por serem sustentáveis em todo o seu modelo de negócio. Porque o consumidor vai ser cada vez mais atento a isso e não podem correr esse risco. Mas é um processo, até para nós individualmente. Posso



fazer reciclagem e não comer carne, mas não sou sustentável em todos os meus atos. Uso carro. O meu carro não é elétrico. Portanto, acho que temos de dar tempo. Uma coisa é haver má intenção. Outra coisa é estarmos a adaptar-nos. Todos estamos a aprender e eu não gosto de fundamentalismos. O importante é perceber se as pessoas ou as empresas são bem-intencionadas. E depois é um caminho, que não acontece de hoje para amanhã. Leva tempo.

Em relação ao resto da Europa e ao resto do mundo, estamos – nesta nossa atenção para o impacto – muito atrasados? Onde é que nos situamos?

Portugal é um país um bocado bipolar. Somos muito à frente numas coisas e depois noutras, claramente, não. Acho que no empreendedorismo de impacto e na inovação social, estamos bastante à frente. No entanto, em questões sociais, é óbvio que temos países que estão muito mais à frente. Ainda temos um caminho. Por exemplo, em igualdade ainda estamos muito focados na igualdade de género, e ainda há muita coisa para fazer aí, enquanto noutros países já se está a falar de igualdade e diversidade em muitas outras coisas.

A Casa do Impacto celebrou em outubro de 2021 o seu terceiro aniversário. Olhando para este caminho, quais foram as maiores surpresas? Boas e más?

O que foi muito melhor do que o que estava à espera foi descobrir que temos novas gerações em Portugal que me espantam pela qualidade, pela diferença – até relativamente à minha geração –,



Luís Manuel Neves



Acredito que daqui a dois ou três anos vamos até ter os tais unicórnios, talvez não unicórnios puros e duros, mas de empresas que com um modelo de negócio sólido estão a ganhar dinheiro e estão a criar valor.

por serem muito mais bem preparados em inúmeras coisas, por terem muito mais mundo, e isso dá-me uma esperança para o futuro muito grande. Isso superou a minha expectativa.

A média dos empreendedores que entraram na Casa do Impacto é muito superior ao que vi nos primeiros passos do empreendedorismo há dez anos. As pessoas são muito mais completas, também porque o impacto é uma coisa muito mais transversal. Das coisas menos boas é o sermos um país ainda com muitas fragilidades, onde é difícil criar as estruturas e as infraestruturas certas para que um ecossistema destes se desenvolva da forma necessária. Acho que este ecossistema tem crescido e de uma forma muito positiva, mas para dar o salto precisa de organizações e de um sistema político que realmente perceba o investimento que é preciso fazer. Porque nenhum ecossistema cresce sem investimento.

Qual é a estratégia daqui para a frente?

É uma estratégia de continuidade, mas fazendo com que este ecossistema seja mais forte a nível nacional e não seja uma realidade concentrada em Lisboa. Tem de haver uma maior articulação. Essa é uma ambição nossa e a outra é internacionalmente. Estamos a apostar muito em algumas parcerias internacionais e em possibilitar que os nossos projetos de impacto consigam crescer também para fora do país.

Vamos começar a ter unicórnios de impacto (empresas avaliadas

em mil milhões de dólares)? Estamos a trabalhar para esse tipo de métricas?

Vai fazer parte da evolução deste ecossistema e deste novo paradigma que as métricas sejam feitas de uma outra forma. Só querer unicórnios é redutor. As métricas deviam ser outras. Que valor é que os unicórnios estão a trazer para a sociedade? Por exemplo, o Facebook é um unicórnio, mas atravessa a toda a hora dilemas morais. É isto que nos interessa? É este tipo de unicórnios? No outro dia tivemos aqui a comissão europeia da Inovação a dizer que queria mais unicórnios e eu perguntei-lhe isso. É isto que queremos, só unicórnios? Ou queremos mais start-ups que tenham um modelo de sustentabilidade económica, ambiental e social? Acho que queremos não unicórnios nesse sentido do termo, mas start-ups que sejam vencedoras e que acrescentem um valor para a sociedade que vá além do dinheiro ou do lucro.

Como caracteriza o tecido empreendedor das start-ups da Casa do Impacto?

A Casa do Impacto é muito focada em empresas "early stage", para criar "pipeline". Os investidores não estão preocupados em criar "pipeline", estão preocupados em investir em estágios mais maduros para poderem ter retorno. E alguém tem de estar a fazer esta parte. O que sinto é que a maturidade do ecossistema está a evoluir, é hoje completamente diferente de há três anos. Por outro lado, por exemplo, o investimento – que é uma parte muito importante do ecossistema – ainda não chega a muitas das necessidades destes empreendedores. Mas tenho uma fé enorme na qualidade quer dos projetos, quer dos empreendedores. Acredito que daqui a dois ou três anos vamos até ter os tais unicórnios, talvez não unicórnios puros e duros, mas de empresas que com um modelo de negócio sólido estão a ganhar dinheiro e estão a criar valor.

Mas os investidores já começam a ter também esta perceção e vontade ou não?

Sim, e se virmos os números, mesmo a nível global, os fundos de impacto todos os anos estão a aumentar. Agora como é uma coisa muito nova, até os próprios investidores estão a aprender. Não podemos olhar para uma empresa tecnológica que tem um crescimento normalmente muito acelerado e olhar para uma empresa de impacto da mesma maneira. Não quer dizer que a exigência seja menor. Pelo contrário, acho que a exigência de um empreendedor de impacto é muito maior porque tem de se preocupar com muito mais coisas. Portanto, um investidor que invista aqui não pode ter o mesmo "mindset" que tem quando só está a olhar para números. É diferente. As métricas são outras.

E é mais difícil calcular estas métricas?

É muito mais difícil. Obviamente dependendo do que estamos a falar. Se estivermos a falar de uma empresa que está a propor criar mais empregabilidade, aí é mais objetivo. Agora, se se está a falar de uma empresa que está a propor aumentar a qualidade do ensino – uma solução ligada à matemática ou à cidadania, – é óbvio que as métricas para avaliar isto são mais desafiantes. Como é que se mede isso? Os desafios de um empreendedor de impacto são muito maiores. 🐉